

LEIBNIZ E A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE

LEIBNIZ ON SUBJECTIVITY

Cristiano Bonneau *

Data de recepção do artigo: agosto/2011
Data de aprovação e versão final: set./2011

Resumo: *A fundamentação do universo monadológico acarreta conseqüências importantes para a reflexão sobre uma teoria da subjetividade à partir da filosofia de Leibniz. Ao descrever a mônada, o filósofo alemão esclarece seus atributos e salvaguarda duas noções fundamentais: autonomia e perspectiva. Esta comunicação trata de expor na filosofia de Leibniz os pressupostos que garantem uma noção de indivíduo, alicerçado em um princípio de identidade e representante pleno do mundo à partir de si (speculum vitale). Desta forma, a polêmica Renaut-Heidegger é o ponto de partida para pensarmos em um plano da subjetividade em Leibniz.*

Palavras-chaves: *Leibniz, Heidegger, Renaut, subjetividade, speculum vitale*

Abstract: *The reasoning of the monadic universe carries important consequences for think about a theory of subjectivity in the philosophy of Leibniz. In describing the monad, the German philosopher explains its attributes and safeguards two fundamental concepts: autonomy and perspective. This article is to explain the philosophy of Leibniz assumptions guaranteeing a notion of the individual, based on the principle of identity and fully representative of the world from itself (speculum vitale). Thus, the controversy Renaut-Heidegger is the starting point to think of a plan of subjectivity in Leibniz.*

Keywords: *Leibniz, Heidegger, Renaut, subjectivity, speculum vitale*

* Professor de filosofia na UFPB. Doutorando em Filosofia pela USP. m@il: crbonneau@ig.com.br

Problemata: R. Intern. Fil. Vol. 02. No. 02. (2011), pp. 228-239
ISSN 1516-9219.

Este texto trata do problema da subjetividade em Leibniz sobre o horizonte de leitura de dois pensadores: Heidegger e Renaut. A discussão proposta pelo filósofo francês traz à tona a força da interpretação heideggeriana acerca da *Monadologia* de Leibniz, sendo que para esta, a mônada seria a concretização efetiva do cogito cartesiano, e o alicerce definitivo do sujeito moderno. Trata-se num primeiro momento de pontuar as questões colocadas por Heidegger e Renaut, relativas à concepção leibniziana de substância. Tal esclarecimento é importante tendo em vista a interpretação da noção de sujeito em Leibniz. Num segundo momento, investiga-se alguns elementos que embasem a descrição da idéia de sujeito, bem como, desenvolve-se à partir de Leibniz alguns argumentos em que esta noção possa ser pensada. Nesta perspectiva, o conceito de *speculum vitale*, para fundamentar na idéia de perspectiva uma concepção de indivíduo.

A mônada configura-se como o arranque teórico a partir do qual essas noções são hauridas, e pela qual uma leitura do mundo, tendo em vista o legado leibniziano, é possível. Ela representa, nesta construção teórica, um modelo exemplar para pensar o indivíduo, seus acidentes e atributos, e a partir destas relações, uma visão de mundo como infinito, espraiado em suas incontáveis partes e assegurado pelas relações entre elas, visto que, cada indivíduo é a própria oportunidade de fazer com que o outro se esclareça e manifeste seus predicados.

Heidegger, em sua leitura acerca da filosofia e da metafísica no ocidente escreve que:

“O começo pleno da história de ser sob a figura da metafísica moderna acontece lá onde a consumação essencial do ser determinado como realidade efetiva não tenha sido, em verdade, levada a termo, mas onde a decisibilidade dessa consumação já tenha sido

completamente preparada e, assim, onde o fundamento da história da consumação já tinha sido estabelecido. A assunção dessa preparação da consumação da metafísica moderna e, e com isso o domínio integral dessa história da consumação é a determinação histórico-ontológica daquele pensamento que Leibniz realizou.”¹

Na perspectiva de Heidegger, duas vias, entre outras, são expressas na descrição da manifestação do ser, no caso, em uma realidade efetiva. Primeiramente o ser aparece em uma elaboração ontológica que o determina como puramente teórico. O ser é uma possibilidade, descrita ainda sem uma preocupação pela sua própria constituição. Então, passa de uma possibilidade teórica para um momento histórico e efetivo. Deixa suas marcas impregnadas na cultura de modo irremediável. A ontologia leibniziana, aparece com sua força, e determina os rumos para se pensar o sujeito. Este, que compreende, pensa e sente, o faz enquanto modo de si mesmo, em um movimento de auto-determinação, ao mesmo tempo original e limitada.

A cultura toma sua forma pela concepção do sujeito e entende o mundo em seu movimento à partir desta ótica e embasado nesta lógica. O indivíduo teria, a partir da *Monadologia*, se sobreposto enquanto parte, na relação com a totalidade. O que teríamos efetivamente dar-se-ia enquanto partículas que compõem as possibilidades do mundo, e que se arranjam a partir de sua essência atribuída, garantindo assim, a idéia de que o indivíduo leibniziano é um ente ontológico. Renaut desenvolve a leitura de Heidegger sobre Leibniz na perspectiva da constituição do sujeito:

“(...)segundo Heidegger, caberá a Leibniz radicalizar esta tomada da subjetividade como actividade, ao fazer da representação (*perceptio*) uma das duas modalidades, como o *appetitus*, daquilo que define essencialmente a Mônada, a saber,

a força (vis). Deste modo é realçada a maneira como a representação, na sua acepção moderna, tem como fundo um desenvolvimento de actividade: através desta explicação leibniziana da essência da representação, coloca-se verdadeiramente no lugar a subjectividade como instância intrinsecamente ativa que define o projecto de uma submissão absoluta do real ao seu empreendimento de domínio e de posse.²

A apetição aparece na mônada, como aquela capacidade de atualizar outra capacidade (a percepção) e adequar o movimento do objeto à apreensão deste movimento. São duas atividades que atuam em conjunto e de forma instantânea tornando a mônada capaz de sempre atualizar o movimento. Uma terceira atividade, e propriamente humana, segundo Leibniz, está na tomada de consciência das atividades de percepção e apetição. A apercepção ocorre pelo fato da mônada perceber que percebe o que aparentemente está fora dela e a concretização do devir. Esta é uma característica das mônadas que não são nuas e dotadas de almas. A movimentação interna da mônada representada pela sua percepção, apercepção e apetites revela uma determinada articulação independente e autárquica destas entidades para gerarem no final desse processo a representação. A *vis activa* corresponde ao processo no qual o ente detém para si as condições de determinação. Heidegger esclarece que:

A vis activa é, por conseguinte, um certo agir, mas não a ação na realização propriamente dita; ela é uma capacidade, mas não uma capacidade em repouso. Designamos o que Leibniz aqui visa tender para ... melhor ainda, para poder exprimir o específico, de certa maneira já efetivado, momento de agir, o impelir, pulsão.³

Heidegger interpreta a mônada como pulsão. Uma força

interna capaz de promover o movimento a partir de si mesmo. O ente, nesta perspectiva, guarda em seu cerne todas as suas capacidades e possibilidades de promover suas atividades, buscando segundo Leibniz, orientar-se de acordo com sua perfeição. Na análise da *Monadologia* Heidegger desenvolve a noção do fechamento e da independência da mônada enquanto pulsão.

”Do que dissemos conclui-se que as mudanças naturais das Mônadas procedem de um princípio interno, pois em seu íntimo não poderá influir causa alguma externa.”⁴ A idéia de força, tendo a mônada como seu sítio surge enquanto o relato da transição fundamental da substância que, ulteriormente, aparecia como *potentia activa* e agora fundamenta-se como *vis activa*. A diferença entre estas duas concepções aponta para a própria fundamentação leibniziana da Mônada- esta não é o ser em potência, mas corresponde na única possibilidade do ser. O ser é, na substancialidade de sua substância possibilidade. Não há um encerramento como a possibilidade de ser, mas, antes, como o próprio ser da possibilidade. As conseqüências desta mudança apontam para a capacidade da Mônada leibniziana em conformar-se como um autômato, não apenas material, mas espiritual. “Poder-se-iam denominar enteléquias todas as substâncias simples ou Mônadas criadas, pois contêm em si uma certa perfeição (ékhoui tò entelés), e têm uma suficiência (autárqueia) a torná-las fontes de suas ações internas e, por assim dizer, Autômatos incorpóreos.”

A este movimento interno do ser que garante suas características fundamentais, o assegurando ontologicamente e existencialmente, Heidegger aponta como pulsão. A definição desta noção enquanto força ergue-se naquilo “que leva a ação à si mesmo, a partir de si mesmo e isto, na verdade, não ocasionalmente, mas por natureza.”⁵ O fechamento da Mônada e sua essência em um puro possível revelam uma abertura no ser,

não para o mundo, mas para ele mesmo. Daí podemos inferir, que, estando a Mônada no mundo, quando ela afirma a si mesma, no mesmo instante afirma a própria totalidade, ou seja, o mundo.

Ela se torna a única condição de possibilidade, mesmo em seu hermetismo fundamental, do mundo se abrir. Eis o pressuposto da subjetividade em Leibniz. A reflexão de Heidegger parte para a questão sobre o fundamento da Mônada enquanto essência mesma do ente e da substância que o compõe. Esta questão lança-se em torno do elemento unificador da substância, capaz de manter sua capacidade existencial de fazer-se parte da totalidade, e compor as essências individuais dos entes.

Renaut escreve que “a mônada deverá então ser concebida segundo o modelo do sujeito, como produzindo a totalidade de suas mudanças sem deixar de se manter idêntica a si mesma.”⁶ Sua análise sobre Heidegger, porém trata-se de uma crítica aos elementos apontados pela leitura deste sobre Leibniz. Desta forma distingue-se: a Mônada constitui-se na primeira homogeneização da noção de sujeito. Esta perspectiva é aceita por Heidegger que perfaz uma homogeneização da História do sujeito. O *subjectum*, este sujeito, é o fundamento de toda e qualquer realidade. O lugar de Deus passa a ser o lugar do homem; a onisciência divina transfere-se para as redes de sentido da ciência; e a onipotência corresponde a supervalorização da técnica. Esta última detém em si todos os procedimentos capazes de interferir na natureza. A filosofia aparece como aquela que determina em sua profundidade, o curso mais íntimo da história. E em Leibniz, comprova-se mais uma vez a força desta tese. Heidegger esclarece que, “Descartes e Leibniz providenciam o essencial da primeira fundação metafísica da história moderna”⁷. Daí Renaut comenta que “a explicação leibniziana daquilo que despontara em Descartes traz verdadeiramente à luz a subjetividade como fundamento

essencial da modernidade.”⁸

A redução do real ao racional, constituindo o símbolo de que o real é racional e o racional é real, aparece em Leibniz como a redução deste à noção de possível. Toda possibilidade obedece aos princípios de contradição e de razão suficiente. O ser ao existir, atinge este patamar por realizar o projeto lógico da noção sujeito-predicado. Alguma coisa que exista é preferível sobre algo que não exista. Assim, a essência em si exige seu existir, pois detêm em sua plenitude todas as características que lhe garantam como algo, ao invés de nada. Também, o princípio de harmonia preestabelecida, estabelece em Leibniz, segundo Heidegger, o horizonte de sistema. A ordem da razão prevalece, permitindo o existir e abarca a perspectiva da totalidade. As mônadas constituem a substância que constrói a realidade. É a partir delas, naquilo que internamente as constitui e garantem sua identidade, que as diferenças se manifestam e o próprio real se torna possível.

E finalmente, enquanto distintas ontologicamente, umas das outras, na noção de que cada uma só pode vislumbrar um aspecto da paisagem geral de uma cidade, permanecemos na equivalência e no prolongamento do perspectivismo de Nietzsche, na descrição de Leibniz em torno de sua idéia de “pontos de vista”. Para tanto, investiguemos em Leibniz as possibilidades da leitura heideggeriana e como o indivíduo se aprofunda sob a tutela do sujeito.

Quando se afirma que “a mônada leibniziana não é uma unidade aritmética, puramente numérica: é uma unidade dinâmica”⁹, pode-se haurir a idéia de uma partícula que exprime em si, todas as possibilidades de um Universal, detentor de uma gama infinita de possibilidades. Observar a Mônada é vislumbrar uma possibilidade de ser do Cosmos. Portanto, seu caráter dinâmico é o que se apresenta como uma infinidade de regiões onde os seres atuam, exprimindo perspectivamente a ultra-generalidade do Universo e todas as suas possibilidades

epistemológicas, ontológicas, metafísicas, físicas e matemáticas. O dinamismo da Mônada é o seu desdobramento infinito nas possibilidades do mundo; condição ontológica que elabora a partir de si, todo o movimento universal e anima os mundos possíveis. O dinamismo da Mônada tem seu fluxo e refluxo submetido ao princípio de razão suficiente, o qual estabelece os limites a partir das causas eficientes e das causas finais, onde nenhum evento do mundo pode então “ser tomado como verdadeiro ou existente, nem algum enunciado ser considerado verídico, sem que haja uma razão suficiente para ser assim e não de outro modo, embora frequentemente tais razões não possam se conhecidas por nós.”¹⁰

A idéia de *Speculum Vitale* ou Espelho Vivo do universo corresponde ao raciocínio de que a partir de uma Mônada é possível haurir uma noção do que seja o Cosmos em sua totalidade, pois esta é uma representante deste montante em todas as suas perspectivas. Cada Mônada, a partir de suas possibilidades, reflete à sua maneira, aquilo que o mundo é. Portanto, cada ente é uma legítima representação do todo; o ponto de vista da Mônada não é a totalidade em si, mas apenas uma perspectiva acerca desta. Parcial, porém, única forma de manifestação nesta composição holística do Universo.

“Assim, embora cada Mônada criada represente todo o universo, representa mais distintamente o corpo que lhe está mais particularmente afeto, e de que constitui a Enteléquia o que se pode chamar um vivente, e com a alma, o que se denomina um animal. Ora esse corpo de vivente ou de animal é sempre orgânico, pois, sendo cada Mônada, a seu modo, um espelho vivo do universo, e estando este, por sua vez, regulado numa ordem perfeita, tem também de haver uma ordem no representante, isto é, nas percepções da alma e, por conseguinte, no corpo, segundo o qual o universo está representado nela.”¹¹

A idéia de vida em Leibniz reflete não somente a

existência das Mônadas em sua substancialidade e sua essência atribuída, mas coloca todo o palco do Universo em movimento. Esta animação é responsável pela liberação das possibilidades de ser de cada Mônada, atualizando as essências e imprimindo de forma constante as perspectivas instauradas em cada um dos seres. A perspectiva é o momento afirmativo da identidade, garantia dialética do entrelaçamento do todo e da parte. Mais do que afirmar o todo, confirma-se a especificidade, a especialidade e a originariedade da partícula que reflete a totalidade. Esta totalidade aparece distintamente em cada manifestação sua. A diferença entre as partes envolvidas no processo revelam a dimensão da multidão de entes que constituem a vida, que se arranjam nas formas mais surpreendentes, demarcam seu espaço na existência possível e marcam sua identidade na ordem do infinito. A vida torna a existência ativa, faz insurgir os pontos de vista e afirma a totalidade do Universo. A fecundidade desta totalidade cosmológica são os pontos de vista que sobre ele são impressos. Esta impressão resulta da própria constituição deste mundo e do modo de ser da estrutura da Mônada.

“E, assim, como a mesma cidade parece outra e se multiplica perspectivamente sendo observada de diversos lados, o mesmo sucede quando, pela infinita quantidade de substâncias simples, parece haver outros tantos universos diferentes, que, no entanto, são apenas as perspectivas de um só, segundo os diferentes pontos de vista de cada Mônada.”¹²

Se cada Mônada leva como marca de si a sua própria possibilidade de ser, neste possível está guardada também, a sua impressão peculiar acerca das coisas do Mundo. Não há no universo monadológico dois pontos de vista idênticos¹³, dado que, imaginando a possibilidade de reunião de todos estes pontos, dentro de uma figura geométrica qualquer e ainda

fechada; esta, se vazia, se encheria caso conseguisse concretizar o fato de agrupamento de todos os pontos disponíveis e existentes em sua totalidade. Ainda que, cada ponto deste seja compreendido na reunião de outros pontos, refletindo a fecundidade de possíveis inseridos neste Universo.

Isolada a partir de si, no destino de uma entidade “sem janelas”, o que a torna comum para com as outras Mônadas é a sua inserção neste Universo, que se fixa desta maneira “monadológica”, justamente por ser expressamente construído a partir destas entidades. Refletir o universo à partir de si mesma é um ato comum da determinação da Mônada, fazendo dela um ser constituído em si de totalidade, pois imerso nesta amplitude, conhece-a ou a reflete, a partir de suas peculiaridades. Peculiaridades advindas de um processo interno de construção da particularidade, expressando as possibilidades deste ser. Possibilidades estas, que fazem da Mônada um ente genuíno com relação a qualquer outra Mônada; um ponto e vista do Universo, na medida em que é expressão deste e o reflete a partir de sua essência. No entendimento desta leitura, estamos diante da noção de indivíduo.

“(…)que cada espelho vivo, que representa o Universo segundo seu ponto de vista, isto é, cada Mônada, cada centro substancial deve ter suas percepções e seus apetites no grau melhor que é compatível com todo o resto.”¹⁴

A partir de Leibniz, o espelho vivo do Universo se torna mais contundente e sua atuação e implicação com a totalidade das relações em que este está inserido transparece de maneira fundamental. Não há como deslocar uma Mônada para fora do Universo, muito menos descolar o Universo da Mônada. Enquanto espelho vivo, atuante e detentora de sua própria pulsão, a Mônada está imersa no Universo como representante legítimo deste; as possibilidades dos seres afloram neste constante e intenso ciclo de reflexões do Cosmos. Cada qual,

identifica-se como uma representação deste, uma perspectiva única dentre todas possíveis graças a sua estruturação interna, inviolável, hermética e única.

A representação que a possibilidade de ser da Mônada faz do Mundo pode ser encarada como a sua própria forma de ser desta enquanto uma estrutura de fundamentação da realidade e todos os seus desdobramentos. É nisto que consiste a Mônada enquanto *Repraesentatio Mundi*, uma estrutura interna capaz de representar a mundanidade e a totalidade em toda a sua riqueza contida na força do predicado vislumbrado como possibilidade.

A Mônada entendida como estrutura, capaz de se relacionar de forma dialética com as outras Mônadas e o Mundo como um todo, é no entendimento de Hols, aquela entidade fundamental que, entre outras, “nos revela assim o sentido fundamental de sua interpretação do mundo, que só se deixa compreender gradualmente, para concentrar-se finalmente na unidade¹⁵.” Unidade que garante a identidade em consideração ao ser genuíno de cada Mônada; o ponto enquanto demarcação atuante do ser; a vista como a concretização da impressão do universal a partir de si mesma; e finalmente a perspectiva que, demarcada a partir destes fatores, compõem e são decisivos para uma tomada de posição acerca daquilo que seja o Universo.

Referências

- WILHELM LEIBNIZ, Gottfried. *A Monadologia*. Os Pensadores XIX. Tradução de Marilena de Souza Chauí Berlinck; Luiz João Baraúna. Editora Abril Cultural, 1ª edição, 1974. pp 63-402.
- _____. *A Monadologia e outros textos*. Organização e Tradução de Fernando Luiz Barreto Gallas e Souza. Editora Hedra: São Paulo, 2009.
- _____. *Princípios da Natureza e da Graça*. Tradução de Antonio Borges Coelho. Lisboa, Livros Novo Horizonte. Portugal. Editorial Gleba Ltda.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*, Tradução de Álvaro Cabral, Editora da Unicamp, Campinas, 1994.

- BLANC, Mafalda de Faria. *A essência da força: Leibniz e Heidegger*. COLOQUIO INTERNACIONAL DE DESCARTES E LEIBNIZ. Lisboa, Edições Colibri, 1998. pp.525-533.
- HEIDEGGER, Martin. *A Determinação do Ser do Ente segundo Leibniz*. Tradução de Ernildo Stein.- São Paulo: Abril Cultural,1979. Os Pensadores, pp 215-229.
- _____. *Sobre a Essência do Fundamento*. Tradução de Ernildo Stein.- São Paulo: Abril Cultural,1979. Os Pensadores, pp 83-125.
- _____. *Nietzsche*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Vol. II.
- HEINZ HOLZ, Hans. *Leibniz*. Madrid: Editora Tecnos, 1970. Tradução de Andres-Pedro Sanchez Pascual .pp.241.
- RENAUT, Alain. *O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito*. Tradução de Elena Gaidano. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- _____. *A era do indivíduo – contributo para uma história da subjetividade*. Tradução de Maria João Batalha Reis, Instituto Piaget, 1989.

Notas

- 1 Heidegger, 2007, p.335
- 2 Renaut, 1989, p. 32.
- 3 Heidegger, 1979.p.218.
- 4 Leibniz, *Monadologia*, §.11.
- 5 Idem, §. 18
- 6 Renaut, 1989, p. 47
- 7 Heidegger, 2009, p.105
- 8 Renaut, 1989, p. 45
- 9 Cassirer,1997.p.92.
- 10 Leibniz, *Monadologia*. § 32
- 11 Leibniz, *Monadologia*, §62.
- 12 Leibniz, § 57, *Monadologia*
- 13 Princípio importante em Leibniz, *lex identitatis indicernibulum*, que garante a identidade da Mônada. “No entanto, as Mônadas precisam, ter algumas qualidades, pois caso contrário, nem mesmo seriam entes. Se as substâncias simples em nada diferissem em suas qualidades, não haveria meio de aperceber qualquer modificação nas coisas, pois o que está no composto não pode vir senão dos ingredientes simples, e as Mônadas, não tendo qualidades, seriam indistinguíveis umas das outras, visto não diferirem também em quantidade; e, por conseguinte, admitindo o pleno,cada lugar receberia sempre, no movimento, só o equivalente do que antes contivera, e em um estado de coisas seria, portanto, indiscernível do outro.” *Monadologia*,. § 8.
- 14 Leibniz, § 12, Princípios da Natureza e da Graça.
- 15 HOLZ, 1970, p. 215.